

UM OLHAR VOLTADO PARA A 1ª FASE DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS DO CENTRO DE EDUCAÇÃO DE JOVENS ADULTOS E IDOSOS PROFESSORA SILENE PEREIRA DA SILVA (CEJAI)

Dayane Maria da Silva

*Universidade Federal Rural de Pernambuco – Unidade Acadêmica de Garanhuns,
dayanne_maria@hotmail.com*

Bianca dos Santos Silva

*Universidade Federal Rural de Pernambuco – Unidade Acadêmica de Garanhuns,
biankadssilva@gmail.com*

Stérfane Araújo Ferreira

*Universidade Federal Rural de Pernambuco – Unidade Acadêmica de Garanhuns,
sterfaneferreira@hotmail.com*

Maria Lucicleide da Silva Berto

*Universidade Federal Rural de Pernambuco – Unidade Acadêmica de Garanhuns,
marialucicleideeas@hotmail.com*

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo apresentar um relato de experiência vivenciado na parte prática da disciplina Educação de Jovens e Adultos do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal Rural de Pernambuco, Unidade Acadêmica de Garanhuns (UFRPE-UAG). As observações foram realizadas em uma turma da 1ª fase da EJA (Educação de Jovens e Adultos) do Centro de Educação de Jovens, Adultos e Idosos Professora Silene Pereira da Silva (CEJAI) localizado no município de Caetés-PE. A disciplina em seu contexto teórico/prática, nos possibilitou conhecer e vivenciar um campo de experiência do contexto educacional a qual somos inseridos como docentes, a experiência foi válida quanto futuros profissionais da área nos possibilitando um olhar voltado para as turmas da EJA.

Palavras-chave: Educação de jovens e adultos. O aluno da EJA. Realização pessoal.

Introdução

A Educação de Jovens e Adultos apresentada na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº. 9394/96 (LDBN) como uma modalidade de ensino destinada aos que não tiveram a oportunidade de concluir seus estudos na idade adequada, visando a continuidade de estudos no Ensino Fundamental e Médio. A referida lei garante condições de acesso e permanência na escola, para estudantes maiores de quinze anos que ainda não concluíram o Ensino Fundamental e maiores de dezoito que não concluíram o Ensino Médio.

Para compreender o que é a Educação de jovens e adultos, é preciso entender inicialmente que, esta vai além de uma questão de faixa etária, não podemos nos limitar apenas a encarar a EJA como um ensino que abrange aqueles que perderam ou desperdiçaram sua chance de frequentar a escola na idade considerada certa.

O presente trabalho tem como objetivo relatar a observação, uma entrevista com professora e questionário com alunos de uma turma da EJA, visando se familiarizar com a modalidade de educação, visto que é um dos campos que a Licenciatura em Pedagogia proporciona na área de trabalho. É também de grande importância conhecer de perto como funciona uma turma de jovens e adultos, a dificuldade de alfabetizar, as barreiras encontradas ao longo da trajetória de ensino/aprendizagem, e as estratégias de ensino encontradas pela docente para conseguir dar o suporte necessário para abranger toda a turma.

A Escola na qual realizamos a observação foi o **Centro de Educação de Jovens Adultos e Idosos Professora Silene Pereira da Silva** (CEJAI), localizado em Caetés-PE, no Centro da cidade, Rua 31 de Março, oferece vagas no turno da noite direcionada para a educação de jovens adultos e idosos, o público atendido na instituição de ensino são alunos da zona urbana e rural, alunos esses que por diversos motivos não tiveram a oportunidade de estudar no tempo regular e buscaram agora conhecimento e aprendizado.

Em algumas visitas a instituição de ensino por ser já no fim do ano letivo e a escola estar com um calendário cheio de atividades extraclasse conseguimos a autorização no dia 08 de dezembro dia em que entregamos o termo enviado pela professora da disciplina EJA para que pudessemos realizar a observação e demais atividades necessárias para o relatório, no dia 11 de dezembro dia destinado pela escola para observar, aplicar o questionário com os alunos e a entrevista com a professora, porém não foi possível realizar tudo em um dia e tivemos que ir no dia 12 para finalizar a entrevista com a professora e colher alguns questionários que faltaram.

A aula observada foi produtiva e em breve comentário podemos relatar que ela tenta atender as necessidades dos alunos, trazendo questões que eles vão necessitar no seu cotidiano e atendendo a heterogeneidade da turma, de forma que buscava apropriar e relacionar os conteúdos das aulas com a realidade dos discentes, como uma forma de motivá-los e atender as expectativas de cada aluno.

Iniciando a conversa...

Como objetivo, Soek; Haracemiv e Stoltz (2009) apontam que a EJA deve “formar cidadãos capazes de lutar por seus direitos e de se apropriar dos conhecimentos mediados pela

escola para se aprimorar no mundo do trabalho e na prática social” (p. 29), de forma que o público da EJA é constituído por pessoas que já atuam na sociedade que compartilham do senso comum e se apoderam dos conhecimentos adquiridos através de suas vivências com os outros.

Esses sujeitos possuem uma bagagem de conhecimentos adquiridos em outras instâncias sociais, visto que a escola não é o único espaço de produção e socialização dos saberes. Essas experiências de vida são significativas para o processo educacional e devem ser consideradas (p.22).

Deste modo, o papel da escola é proporcionar uma articulação entre o saber escolar e aquele saber que o aluno já possui, fazendo com que os alunos sintam interesse pelo aprendizado e que compreendam a importância dos conhecimentos sistemáticos para a vida social de cada um. Constituindo assim, a escola como um espaço onde se estabelecem diversas relações, assim como afirmam, Sacristán e Gómez (2000):

A escola deve prover os indivíduos não só, nem principalmente, de conhecimentos, ideias, habilidades e capacidades formais, mas também, de disposições, atitudes, interesses e pautas de comportamento. Assim, tem como objetivo básico a socialização dos alunos (p. 19).

Para que a escola obtenha seu objetivo de socializar os alunos é preciso levar em conta suas especificidades, pois cada aluno é um sujeito de conhecimento com características particulares que implicam no seu modo de aprender. Nesta perspectiva foi promulgada a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 9.394/96), que estabeleceu no artigo 37, seção V, inciso II:

Art. 37. A educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria.
§ 1º Os sistemas de ensino assegurarão gratuitamente aos jovens e aos adultos, que não puderam efetuar os estudos na idade regular, oportunidades educacionais apropriadas, consideradas as características do alunado, seus interesses, condições de vida e de trabalho, mediante cursos e exames (BRASIL, 1996).

Com base nessa perspectiva, podemos ver que a LDB propõe que, Educação de Jovens e Adultos deve proporcionar não só o acesso gratuito dos alunos na escola, mas também, deve promover sua permanência, seja com práticas didáticas atraentes e contextualizadas ou pela disponibilização de recursos como por exemplo alimentação, transporte e adequação de horários e calendário e promover também um ensino que contemple as especificidades de cada aluno, levando em consideração suas experiências, saberes, condições de vida e de trabalho. No entanto, não observamos muitos avanços nesse sentido, pois nem sempre são considerados os interesses particulares dos alunos, o que leva muitas vezes a evasão, visto que

a escola não atendeu as expectativas dos alunos ou até mesmo por se estar propagando uma visão negativa do público que frequenta a Educação de Jovens e adultos, como é comum encarar esses alunos como aqueles que desperdiçaram a oportunidade de frequentar a escola enquanto criança, aquele que não fez, aquele que não persistiu, aquele que não concluiu, aquele que não sabe ler, não sabe escrever, aquele que nada sabe, essa visão que se tem do aluno de EJA traz um grande peso de negatividade que o afeta diretamente, quando na verdade possui uma história em que atua sem sentir tanta falta da escolarização, a não ser quando é cobrado pela sociedade e rebaixado a condição de ser menos de sujeito de negação, por não ser simplesmente alfabetizado.

Sendo assim, generalizados todos os alunos da EJA, e essa generalização causa um tipo de educação para estudantes da Educação de Jovens e Adultos, uma vez que a maneira como se percebe o aluno se concebe uma forma de educação, gerando fazeres específicos em sala de aula, como também as políticas públicas para atender as demandas da EJA. O foco sobre quem é o aluno da EJA estava e ainda persiste em uma perspectiva negativa, o sujeito de negação, o que podemos constatar claramente quando entramos em sala de aula para observar uma turma de EJA. Esta maneira de encarar esses alunos desconsiderou as dimensões das condições humanas desse sujeito, condições essas que são básicas para o processo educacional, encarando assim a pessoa somente pela condição de que não sabe ler nem escrever, não considerando essas pessoas como sujeitos, desconsiderando toda uma vida para se deter apenas a capacidade de ler e escrever.

Perfil da Turma

A turma conta com uma quantia de 20 alunos frequentando as aulas, porém no dia da observação e questionário só foi possível realizar com 14, dois dos que estavam em sala se negaram a responder e os demais haviam faltado no dia. A turma demonstra ser calma, o espaço da sala é grande e permite que a professora faça atividades diversas.

Tanto a docente quanto os alunos relataram que a cada mês eles realizam um trabalho manual e artesanal, os mesmos demonstram gostar dessa atividade proporcionada pela professora em sala. Nas paredes há algumas atividades feitas por eles expostas, e os alunos aparentam em sua maioria interesse pelas aulas, relatam que estão em busca de aprendizado e qualificação para uma melhor oportunidade no mercado de trabalho.

Quadro 1.

Dados pessoais dos discentes:

Alunos	Residência	Atividade profissional	Idade	Estado civil	Naturalidade
Aluno 1	Zona Urbana	Agricultora	51	Separada	Caetés
Aluno 2	Zona Urbana	Agricultora	43	Divorciada	Caetés
Aluno 3	Zona Rural	Agricultora	38	Casada	Caetés
Aluno 4	Zona Urbana	Agricultor	58	Solteiro	São Paulo
Aluno 5	Zona Rural	Casa de família	39	Solteira	Caetés
Aluno 6	Zona Urbana	Lava jato	22	Solteiro	Caetés
Aluno 7	Zona Rural	Agricultora	50	Casada	Capoeiras
Aluno 8	Zona Urbana	Dona de casa	25	Solteiro	Iati
Aluno 9	Zona Urbana	Auxiliar de limpeza	34	Casada	Caetés
Aluno 10	Zona Rural	Agricultora	27	Solteira	Caetés
Aluno 11	Zona Urbana	Dona de casa	48	Solteira	Santana do Mandaú
Aluno 12	Zona Urbana	Só estuda	16	Solteiro	Caetés
Aluno 13	Zona Rural	Agricultor	34	Solteiro	Caetés
Aluno 14	Zona Urbana	Só estuda	16	Solteiro	Caetés

Quadro 2.

Motivos de não ter estudado ou concluído os estudos na infância e quais os motivos que levaram a retomar os estudos

Alunos	Frequentou a escola na infância	Até que serie cursou na infância	Por que não frequentou ou deixou a escola	Quais motivos levaram a retomar os estudos



Aluno 1	Não	Não cursei	Proibição do pai	Interesse em aprender
Aluno 2	Não	Não cursei	Proibição dos pais	Para ajudar meu filho deficiente
Aluno 3	Sim	3ª serie	Casei	Para aprender e terminar os estudos
Aluno 4	Não	Não cursei	Desinteresse	Por que nunca é tarde para aprender
Aluno 5	Sim	4ª serie	Trabalhar em São Paulo	Almeja Ensino superior/melhores condições de trabalho e vida
Aluno 6	Sim	3ª serie	Família viajava muito	Aprender mais e tirar a habilitação
Aluno 7	Não	Não cursei	Não tinha escola próxima a residência	Quero aprender
Aluno 8	Sim	4ª serie	Viajava muito	Pretendo concluir
Aluno 9	Sim	4ªserie	Morava muito longe da escola	Concurso da prefeitura
Aluno 10	Sim	3ª serie	Por desinteresse	Para ser importante e conseguir trabalho melhor
Aluno11	Não	Não cursei	Não possuía cadeira de rodas para ir até a escola	Tem vontade de aprender coisas novas
Aluno 12	Sim	3ª serie	Por desinteresse	Mãe obrigou
Aluno 13	Sim	2ª serie	Ajudar os pais na roça	Pretende concluir
Aluno 14	Sim	5ª serie	Desinteresse	Pretende concluir

Nos quadros um e dois trouxemos algumas informações para que se conheça inicialmente: **Quem é esse aluno de EJA que frequenta o CEJAI?**

Com base nos quadros podemos perceber que se tratam de alunos que residem tanto na zona rural quanto na zona urbana, em sua maioria desenvolvem atividades de agricultura. Podemos notar também que nem todos tiveram a oportunidade de frequentar a escola e que aqueles que tiveram a oportunidade optaram por deixar por alguns motivos, tais como: proibição dos pais, desinteresse, morava longe da escola, por que precisava trabalhar, entre outros. No caso da (aluna 11) o motivo pelo qual não frequentou a escola foi algo que nos chamou mais atenção. Por ser deficiente física a aluna diz que nunca frequentou a escola por preconceito da mãe por sua deficiência física, voltou a estudar pelo desejo de aprender e por

complicações em sua documentação e a necessidade de saber ler e escrever para conseguir resolver seus problemas pessoais. A aluna ia a escola de cadeira de rodas elétrica acompanhada por uma neta, no entanto a bateria da cadeira de rodas descarregou e não poderia mais ir à escola, por iniciativa da professora a aluna conseguiu um carro da prefeitura que vai busca-la e leva-la até a sua casa todos os dias para que ela possa continuar estudando. Não sanando a necessidade da cadeira de rodas para suas tarefas diárias a professora teve a iniciativa de fazer uma rifa com ajuda dos colegas de turma para ajudar a comprar a bateria para recarrega-la, a mesma não tem condições para comprar esse equipamento necessário para facilitar na sua locomoção.

Alunas 1 e 2: são irmãs, não frequentaram a escola por proibição dos pais por serem mulheres.

Aluno 6: o aluno voltou a estudar, para realizar o sonho de tirar sua carteira de habilitação para se tornar caminhoneiro.

As alunas assim como a professora nos revelaram um fato muito importante que ocorre todos os semestres, a professora realiza uma atividade artesanal como uma prática profissionalizante, nessas aulas são feitas garrafas decoradas, flores artesanais, entre outra atividade e, afirma que a partir do que aprendem em sala fazem para poder revender.

Discrição da Aula observada

A professora solicitou que só iniciássemos as atividades programadas no segundo horário, visto que uma grande parte só chega a escola as 19:00h por questões de transporte, ou por trabalharem, cuidarem dos filhos entre outros fatores que fazem com que os alunos não cheguem em horário normal. Em sala eles sentem interesse pelos assuntos trabalhados, e algo interessante ocorre em sala, os alunos sempre se ajudam, uns aos outros procuram se ajudar nas dificuldades encontradas nos assuntos trabalhados em sala, a professora também auxilia os alunos atendendo um por um, a aula demonstra ser produtiva e os alunos participam de forma efetiva. Chegamos no horário normal, e ficamos observando a aula e o comportamento dos alunos. Durante a aula a professora escreveu no quadro algumas questões de somar e subtrair, contextualizado a práticas de compra e venda em mercados, no qual entendemos que a docente buscou trazer a realidade dos alunos que realizam compras para que eles demonstrassem interesse pela aula, visto que o conhecimento adquirido seria utilizado para práticas sociais.

A aula foi destinada somente a disciplina de matemática e os alunos se interessaram muito por isso, talvez por ter proximidade no dia a dia, como foi mencionado anteriormente. Podemos perceber também que os discentes não se sentiram incomodados com a presença de outras pessoas que fogem do seu cotidiano em sala de aula, ao contrário relatam que estão acostumados com estagiários, ou alunos de inúmeras faculdades que procuram a sua turma para buscar informações sobre a modalidade de ensino EJA.

No término da atividade a professora abriu espaço para falarmos com a turma, perguntamos se poderíamos aplicar o questionário, e apenas dois deles se negaram a responder, eles pediram para que nós respondêssemos de acordo com cada resposta individual, assim tivemos que ir de banca em banca e realizar o questionário, por ter que ir de cadeira em cadeira não deu tempo de aplicar a entrevista com a docente da turma e combinamos de ir no dia seguinte.

Caracterização da professora/ Análise da entrevista

A professora é formada em pedagogia e tem especialização em psicopedagogia, leciona atualmente nas fases 1ª e 2ª, possui 12 anos de atuação na área da educação, dos quais 6 anos foram dedicados a turmas da Educação de jovens e adultos.

Iniciamos a entrevista com a seguinte pergunta: Você enquanto professora da turma, conhece as expectativas de seus alunos em relação a escola? E obtivemos a seguinte resposta da professora: “Sim, conheço as expectativas de cada um aqui, é impossível lecionar em uma turma e não se envolver com as histórias de vida dos alunos, principalmente aqui na EJA, onde cada aluno tem um motivo particular para estar aqui, dos quais vão desde a vontade de aprender a ler, conclusão dos estudos até a expectativa de se tornar importante através dos estudos”.

Com base na fala da professora e na observação em sala podemos perceber que a mesma possui um envolvimento forte com a turma e que as expectativas dos alunos em relação a volta para escola estão determinados, sobretudo a dominar o mundo da leitura e escrita para ver e compreender a vida social de forma diferente, buscando uma certa ascensão enquanto pessoa. Amorim em sua pesquisa sobre as expectativas dos educandos da EJA cita que:

Em relação às expectativas dos alunos, observamos que os mesmos já manifestavam seus interesses de aprendizagem na escola quando explicavam as razões pessoais pelas quais resolveram voltar a estudar. Nesse sentido, constatamos, em seus discursos, que seus desejos de aprender nesse espaço institucional não estão dissociados das práticas nas quais esses indivíduos estão inseridos ou de seus interesses particulares (2009, p. 49).

Podemos notar que a conclusão de Amarin em seu trabalho sobre as expectativas dos educandos de EJA, se assemelha com o que observamos enquanto expectativas dos alunos que observamos em sala de aula, visto que os mesmos também possuíam seus discursos firmados em uma vida extraescolar, fosse para ser caminhoneiro, para ser importante.

Em seguida, questionamos para a mesma: Quem são seus alunos? Quais histórias de vida você destacaria? Ela nos responde: “Meus alunos são senhores, senhoras e jovens de idades variadas, de classe econômica baixa em sua maioria, muitos deles são agricultores, que estão divididos entre o sítio e a cidade de Caetés. Sobre as histórias de vida dos meus alunos, atribuo uma certa importância a cada uma delas, de forma que cada uma apresenta sua particularidade”.

A professora parece realmente conhecer muito bem a vida e a realidade dos seus alunos, visto que ela fala tão bem e com propriedade sobre cada um, ela faz menção a algumas histórias de vida dos seus alunos, ela cita o caso de um jovem de 22 anos (aluno 6) que não sabe ler, mas, possui uma inteligência de mundo riquíssima e é muito trabalhador e que possui o sonho de se tornar caminhoneiro, mas, para torna-lo real precisa da carteira de habilitação para poder dirigir o carro de seu patrão. E seu objetivo na Educação de jovens e adultos é aprender a ler, para então passar na prova do Detran e conseguir realizar seu sonho. A outra história mencionada pela professora é de duas senhoras que são irmãs, uma idade 43 e outra de 51 anos (alunas 3 e 4), estas alunas nunca frequentaram a escola, pois os pais não permitiam por elas serem mulheres. Então seus irmãos podiam estudar e quando retornavam da escola, as senhoras pediam explicação sobre o que houve na aula e com isso aprenderam a ler e escrever, em matemática dominam as 4 operações, são alunas exemplares, além de inteligente são muito dedicadas.

Ela relatou um pouco de uma história que nos chamou atenção, sobre uma aluna que em sala de aula não fala, porém em casa se comunica normalmente através da fala com seus familiares, a professora relata que não se sabe ao certo o real motivo do acontecido, que apesar de tentar se comunicar com a família não conseguiu chegar a nenhuma conclusão a respeito do fato, no entanto em sala a aluna é participante quanto as atividades propostas.

Em relação a diversidade na faixa etária dos alunos, a professora diz que nunca teve dificuldade com essas questões pois todos se respeitam, estão em busca de ideais e se ajudam. Sobre as dificuldades e desafios de se trabalhar com a Educação de jovens e adultos, a docente afirma: “São várias as dificuldades encontradas, inicialmente precisamos aprender

com diferentes tipos de alunos com expectativas diferentes e respeitar as particularidades de cada aluno, pois o que aquele aluno é ou faz fora da escola influencia fortemente no seu desempenho escolar, ou seja, o grande nó da questão é alinhar o que aqueles já viveram ou vivem com o que eles vão receber enquanto ensino em sala de aula, não posso simplesmente desconsiderar aquilo que o aluno já traz consigo, pois muitos deles possuem um conhecimento de mundo vasto e isso ajuda a compreender melhor muitas coisas em sala de aula”.

Com base na fala da professora podemos observar que a mesma busca considerar o aluno de EJA para além da faixa etária, assim como sente a necessidade de encarar o aluno como um sujeito social, não apenas levando em conta o que o aluno não sabe, mais aquilo que ele viveu enquanto pessoa enquanto sujeito que atua em uma sociedade independente de desempenhar práticas de leitura e escrita em suas atividades. Assim como nos diz Arroyo (2005, p. 23), “o olhar escolar enxerga os alunos da EJA apenas em suas trajetórias escolares truncadas: alunos evadidos, reprovados, evadidos, alunos com problemas de frequência, de aprendizagem, não concluintes da 1ª a 4ª ou 5ª a 8ª série”.

Nesta perspectiva, o autor vai discutir a visão de que a Educação de jovens e adultos se configurou por muito tempo como campanhas para alfabetizar, por que se via alguém incapacitado, que desperdiçou a oportunidade de se alfabetizar na idade certa, então o governo atua como salvador da pátria e oferece um ensino que capacite e supra as necessidades educacionais. A maneira negativa de enxergar esse aluno vai influenciar na educação que é oferecida para ele, sendo assim, ao enxergar o aluno como sujeito de negação que nada sabe, vai se oferecer para esse educando uma educação de qualquer jeito e o aluno simplesmente tem que agradecer por que recaia sobre ele o peso de ser incapaz. Então, não era necessário oferecer uma educação de qualidade, necessitando apenas fornecer uma educação compensatória, visando compensar a oportunidade que ele desperdiçou. Saímos de uma concepção compensatória para uma concepção de educação reparadora, quando passo a enxergar a educação de jovens e adultos como reparadora de uma dívida social e não somente compensatória daquilo que aquele jovem, adulto não vivenciou ou não aproveitou. Arroyo vai ressaltar que os jovens e adultos sempre foram vistos dessa forma desconsiderando suas condições humanas, não o vendo como sujeito, se pautando apenas na condição de analfabeto e desconsiderando toda a outra vida que o aluno protagonizou.

A professora pontua também que no início do ano foi um pouco conturbado pois havia um número muito alto de jovens problemáticos, que chegam para desmotivar aqueles que realmente estão ali em busca de alcançar seus objetivos. Passados três meses se evadem esses

que não estão em busca de alcançar alguma expectativa e permanecem aqueles que querem estudar, e um dos grandes desafios para integrar esses que ficam de forma efetiva na escola é fazer com que percam o medo e mostrem seu potencial, pois segundo a professora a maioria chega com a autoestima muito baixa e alguns permanecem por muito tempo. “Tínhamos no início do ano 30 alunos, hoje contamos apenas com 20 os motivos da evasão são variados desde ao desinteresse a obrigação de deixar mais uma vez a escola para ir em busca de trabalho. Que eu me lembre tivemos apenas duas transferências, os restantes foram todos desistência mesmo, muitas vezes se envolvem com amizades que levam para o caminho errado”.

Podemos ver que a professora cita a baixa autoestima dos alunos como um obstáculo encontrado, esse fato se deve a forma como o aluno de EJA é encarado na condição de atrasado, se vê não pertencente ao espaço escolar, e muitas vezes os professores encaram esses alunos na condição de crianças crescidas, ao tratar esses alunos de forma infantilizada, acreditando que sua capacidade cognitiva não foi desenvolvida pelo simples fato de não terem frequentado a escola, quando na verdade essa capacidade foi desenvolvida em outras situações de interação no meio em que vive pois esse aluno segundo Oliveira (1999), o aluno de EJA, traz consigo uma história mais longa, de experiências, conhecimentos acumulados e reflexões sobre o mundo externo, sobre si mesmo, e sobre as outras pessoas, fazendo com que o aluno adulto possua um leque maior de diferentes habilidades comparado as crianças, com uma capacidade maior de reflexão dos conhecimentos e sobre seus próprios processos de aprendizagem. Ser tratado como crianças é humilhante para o aluno de EJA e isso faz com que o aluno não se integre na escola, sentindo-se o tempo todo recluso, excluído daquele contexto visto que ele não é alvo original da instituição escolar, todos esses fatores compõem a baixa autoestima dos alunos.

Sobre a forma como planeja suas aulas a professora diz que: “Planejo minhas aulas dentro da necessidade de cada fase, priorizando sempre leitura e escrita e as quatro operações, me baseando sempre nos PCNS e livros didáticos para a EJA, buscando sempre me adequar ao que meus alunos precisam particularmente”.

A proposta da professora se assemelha com a proposta defendida por Oliveira (1999), uma vez que ambos buscam uma proposta educativa flexível que leve em conta as vivências e necessidades dos alunos, de forma que não trate o público como homogêneo, visto que a heterogeneidade é uma característica intrínseca a Educação de jovens e adultos.

Considerações Finais

Ter contato com uma turma de EJA nos proporcionou relacionar teoria e prática e sobretudo compreender como se desenvolve as atividades em turmas de Educação de jovens e adultos. Mesmo com um vasto campo de conhecimentos e interesses particulares de cada aluno é possível ver que as expectativas dos alunos estão firmadas em realizações pessoais, quando os alunos afirmam ter voltado a sala de aula para concluir a educação básica por que almejam ser importante, ingressar na faculdade, tirar a carteira de habilitação para se tornar caminhoneiro, entre outros.

Isto posto, podemos afirmar que a pesquisa nos mostrou muitos pontos positivos em relação a essa turma em específico, visto que a relação entre professor e aluno vai além de sala de aula, mas de realizações pessoais e de interesse comum ao mesmo tempo. A professora nos relatou que a Educação de jovens e adultos é muito gratificante para ela de modo que acompanhar histórias de superação e conquistas de sonhos deixa a profissão em que atua mais prazerosa, tornando assim todo esforço válido.

Deste modo, cabe ressaltar mais uma vez, a importância de propostas pedagógicas flexíveis que atendam as diferentes realidades e que contemplem as relações sociais pois para que a EJA possua sua própria identidade é necessário reconhecer a especificidade do grupo. É preciso conhecer quem é esse aluno que frequenta a Educação de jovens e adultos.

REFERÊNCIAS

ARROYO, M. G. Educação de jovens e adultos: um campo de direitos e de responsabilidade pública. In: SOARES, L.J.G.; GIOVANETTI, M.A.; GOMES, N.L (Orgs). **Diálogos na educação de jovens e adultos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. P. 19-50.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. Jovens e adultos como sujeitos do conhecimento e aprendizagem. **Revista Brasileira de Educação**. Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, Caxambu, setembro de 1999.

SACRISTÁN, J. Gimeno; GOMÉZ, A. I. Pérez. As funções sociais da escola: da reprodução à reconstrução crítica do conhecimento e da experiência. In: **Compreender e transformar o ensino**. Porto Alegre: ARTMED, 2000.

SOEK, Ana Maria. HARACEMIV, Sonia M. C. STOLTZ, Tânia. **Mediação Pedagógica na Alfabetização de Jovens e Adultos**. Curitiba: Positivo, 2009.